

A UNIVERSIDADE BRASILEIRA ESTÁ ABANDONADA

Cristovam Buarque

POR MARCOS CRIPA

Pernambucano do Recife, Cristovam Ricardo Cavalcanti Buarque foi reitor da Universidade de Brasília (UnB) entre os anos de 86 e 89, e governador do Distrito Federal entre 95 e 98. Como professor da UnB, desenvolveu projetos educacionais que pode implementar quando exerceu o cargo de governador do Distrito Federal. Seu maior orgulho, deste período, foi o de haver implantado a Bolsa Escola, projeto que retira crianças carentes da rua e as coloca nas escola. Tal projeto está se disseminando pelo país, sendo adotado até pelos opositores do ex-governador Cristovam Buarque. Dentre as muitas funções que exerceu na vida pública, destacam-se a vice-presidência e presidência do Conselho da Universidade da Paz, das Nações Unidas; coordenador da Área de Educação do "Governo Paralelo", do Partido dos Trabalhadores; chefe do Ministério da Justiça, de março a agosto de 85; e Membro da Comissão Presidencial de Segurança Alimentar, Comissão Betinho, 1993.



Foto: Ana Araújo/Abril Imagens

Não me atrevo a comparar a educação hoje com a de 40 anos atrás, quando eu estava no primário, porque, em certos aspectos melhorou muito. O conhecimento que uma criança tem hoje é muito maior do que aquele que eu tinha. Mesmo o número de crianças na escola hoje é muito maior do que era no meu tempo. Ao mesmo tempo, hoje, a gente percebe uma fragilidade na formação em nossos alunos. Então, eu prefiro não comparar antes com agora, mas comparar o agora, analisar o que a gente tem em relação ao que necessitamos. E aí posso dizer que nós estamos muito, muito, mas muito atrás do que a gente precisa em educação.

Em primeiro lugar, na quantidade de pessoas na escola. Nós precisamos ter todas as crianças na escola, mas até o final do 2º grau; hoje tem 4 milhões que não entram na escola. Ou seja, mais de 10% das nossas crianças vão atravessar a vida sem ter colocado os pés numa escola. Talvez adulto ele consiga, mas como peão de construção de alguma escola para outras crianças. Isso é uma tragédia. Para mim, esse é o primeiro problema. O outro problema é que das crianças que entram na escola apenas 9% terminam o 2º grau. É muito pouco. Pior ainda, 50% das nossas crianças não terminam a 4ª série do 1º grau. Isso também é muito grave. E o terceiro problema: depois de 4 milhões que não entram, as que entram não chegam ao final, e as que chegam ao final, é que chegam formadas. Estas, se chegam bem mais informadas do que as gerações passadas, chegam pouco informadas em relação às necessidades.

Por isso, quais revoluções precisamos fazer na escola? A primeira é universalizar: nenhuma criança ficará fora da escola; a segunda: nenhuma criança deixará de concluir o 2º grau, salvo problemas pessoais ou intelectuais, porém, não por falta de dinheiro, não por impossibilidade social, material. E a terceira: que as nossas escolas tenham uma qualidade na formação e na informação que se tem, hoje, nas escolas de países como Japão, Coréia e alguns países europeus. Essas são as três revoluções que temos de fazer, que levam à universalização e à qualidade.

O ensino superior, por sua vez, está sendo destruído de fora para dentro, mas é preciso dizer que ele está sendo destruído também de dentro para fora.

De fora para dentro por conta dos cortes de verbas e o desprezo do governo federal. A elite brasileira abandonou a universidade. Veja como hoje é comum ver esses parlamentares, intelectuais e dirigentes de entidades de classes defendendo a escola privada, e, portanto, defendendo o esvaziamento da universidade pública. Agora, a destruição também se dá de dentro para fora. Nós, e aí eu me incluo como professor universitário, não estamos construindo a universidade que o momento exige, que o Brasil exige. O momento é de ruptura de paradigmas, tanto paradigmas no que se refere à estrutura social, e, portanto, ao conhecimento da sociedade que nós temos, como paradigmas científicos, em todas as áreas. Não estamos fazendo esforço para dar esse salto. Ficamos, por exemplo, prisioneiros dos departamentos. Os departamentos raramente dão os grandes saltos que se esperam do conhecimento. Os grandes saltos, em geral, vêm de atividades de indivíduos multidisciplinares e não de indivíduos unidisciplinares.

Por outro lado, nossa universidade é voltada para um conhecimento influenciado pelos nossos doutorados no exterior. Tenho dito, e talvez incomode muita gente, que as nossas universidades sofrem de uma amarra dos doutorados. O doutorado é uma formação em que alguém transmite mais para o outro, em vez de uma formação que alguém cria. Existe um tutelamento do pensamento na universidade. Os orientandos, para conseguirem que suas teses sejam aprovadas, têm de se submeter à ditadura dos orientadores, que, por sua vez, se submeteram à ditadura de um outro orientador. Raramente conseguimos que na universidade haja uma ruptura do pensamento com a tradição da formação dos diversos orientadores.

Claro que isso vai acontecer em outros lugares também. Há alguns dias eu estava lendo um ensaio que mostrava que no ano de 1903, em Harvard, um indivíduo que era genial não conseguia ter o seu doutorado porque a genialidade dele se fazia de uma maneira diferente do pensamento conceitual. Claro que na universidade da Idade Média, um pouco depois de a universidade surgir, havia esse tutelamento, sobretudo, tutelamento religioso que impedia os saltos. Em consequência, alguns tiveram de ir para fora da universidade para fazer o pensamento avançado. Aliás, em geral, o

pensamento avança fora da universidade. Freud não foi professor universitário, o próprio Einstein foi professor somente depois de postular a teoria da relatividade. Hoje é tempo de ruptura, não de acomodamento. A universidade está com medo da ruptura. A universidade tem pavor do risco. Quando digo universidade, digo os professores, eles têm pavor do ridículo. Toda idéia muito nova é ridícula. Não existe uma idéia nova que quando surge não seja ridícula. Isso aprisiona a universidade. Ela fica aprisionada à sua contemporaneidade e aí não dá o salto para o futuro. Assim, ela não tem razão de existir. A universidade só faz sentido se for contemporânea do futuro. Se ela é contemporânea do presente, não faz sentido. Estamos precisando de uma revolução na universidade brasileira. Esta revolução é que daria legitimidade para a universidade buscar recursos no Estado. Se fizerem um plebiscito hoje no Brasil, para saber se devem ou não aumentar recursos para a universidade, a maioria vai dizer não. A ditadura deu muito dinheiro para a Universidade. A ditadura exilou, expulsou, demitiu, prendeu professores e alunos, mas não faltou dinheiro na universidade. Ela servia ao Projeto de Brasil que os ditadores queriam. Hoje, a elite brasileira perdeu a perspectiva de projeto, a universidade ficou perplexa, ela não tem um patrão a quem se dirigir. O que ela tem de fazer, então? Em vez de ficar reclamando de que o patrão não está lhe dando dinheiro, ela deve é começar a formular uma concepção nova de sociedade e esperar o novo patrão que vai surgir, que é uma mudança que vai ter de acontecer no Brasil. Pode ser daqui a dois, três, cinco ou dez anos, mas vai ter de surgir um novo estilo de governo, um novo propósito no governo. E então a universidade tem de estar pronta para servir a esse novo propósito. Se tivéssemos um governo progressista, um governo, vamos dizer, de esquerda, acho que a universidade seria conservadora. Ela não está preparada para termos um governo revolucionário no Brasil. Ela, sem dúvida alguma, será um instrumento da reação.

Propus essa revolução da universidade em um livro que se chama *A aventura da Universidade*, no qual analiso a crise e faço uma proposta de estrutura equivalente à que implantei quando reitor da UnB - com dificuldades muito grandes de aceitação da comunidade -, a qual chamei, naquela época, de Universida-

de Tridimensional; hoje a universidade é unidimensional, os departamentos não falam entre eles, não dialogam. Na Universidade Tridimensional, a estrutura seria por categoria do conhecimento e o objetivo era a qualidade, o aprofundamento naquela área do conhecimento. Os núcleos temáticos seriam a outra dimensão, que, em lugar de se organizarem conforme o conhecimento, se organizariam conforme um tema da realidade. Portanto, tem de ser multidisciplinar. Teríamos, sim, o departamento da Engenharia, da Física, da Química, da Biologia, da Economia. São os departamentos das categorias. Teríamos também o núcleo da fome, o núcleo da energia, o núcleo do Brasil, o núcleo da América Latina. Todas essas instâncias são multidisciplinares. Os profissionais de diversas áreas se encontrariam para debater o problema e não o conhecimento da sua especialidade. E, a terceira dimensão, seriam os núcleos culturais, em que cada profissional se reuniria, e aí juntamente com professores, alunos e até servidores, para que praticassem um gosto estético: o núcleo dos cantores, o núcleo dos pintores, o núcleo de dança, o núcleo de balé. Então, esses núcleos reuniriam pessoas de diferentes departamentos, de diferentes núcleos, praticando um gosto estético. Isso era uma das dimensões de trazer o humanismo para dentro da universidade.

Preso a um departamento da Economia, você não avança o conhecimento. Você pode colocar pequenos tijolos, mas não faz um edifício novo. O edifício novo é quando você leva o conhecimento da Economia para estudar um tema. Pode ser a energia, pode ser habitação, pode ser a fome. Esses três pontos que citei não cabem em nenhum departamento. Habitação não é um problema de arquiteto, de engenheiro. É de arquiteto, de engenheiro, de psicólogo, de urbanista, de economista, de filósofo, etc. E energia é um problema de quem? Um problema de engenheiros, de físicos, de agrônomos. A fome não é uma questão de nutrição, ela é uma questão de agrônomos, de políticos, de sociólogos, de engenheiros civis, etc. Então, os problemas, na realidade, são multidis-



ciplinares. Quando o paradigma vai bem, isso não precisa, porque o mercado junta os profissionais lá fora. O Estado ou o setor privado se encarrega de contratar um engenheiro ou um economista para trabalhar e resolver o problema. Mas quando estamos com uma crise de paradigma, nem o setor privado nem o Estado vão resolver o problema. A universidade tem de assumir a responsabilidade e formular alternativas para os problemas que o Estado e a sociedade deveriam estar formulando. Eu não estou dizendo que a universidade vai resolver os problemas, mas ela formula soluções. Essa é a Universidade Tridimensional.

Dentro da universidade, ouço muitos dizerem: "a imprensa só faz dar pancada na gente, o Estado não dá dinheiro para a gente, o povo vira as costas para a gente, os empresários querem transformar a gente em uma máquina de consultoria". Tudo isso é verdade, mas não é toda a verdade. A verdade é tudo isso e mais o fato de que não estamos tendo ousadia para fazer mudanças. Além disso, vamos falar francamente, temos uma grande dose de comodismo. Basta observar o seguinte: diga a alguém que seja professor de economia, que ele precisa fazer reflexão filosófica, além de estudar economia. Certamente ele diz que isso é baboseira. Ou diga que ele deve alfabetizar adultos. Ele vai dizer que isso é populismo. Ou diga que ele deve fazer parte de um grupo temático junto com nutricionistas; ele não aceita porque cada profissão se acha a melhor do mundo e despreza as outras.

Poucos países do mundo têm um número de professores universitários com a qualidade que nós temos. Ocorre que, por falta de ousadia, não estamos usando esse potencial. É como se na escola de Infante, Dom Henrique, Sagres, tivesse uma porção de bons engenheiros e arquitetos de caravelas, mas ninguém ousasse tomá-las e ir aventurar-se no alto mar. Está faltando isso... está faltando mergulhar. O que está errado não é que só tem filho de rico na universidade pública. O que está errado é que só filho de rico termina o 2º grau. Agora, é errado também que esses filhos de ricos estudem na universidade gratuita para ficar mais ricos ainda, quando deveriam estudar para resolver os problemas do mundo. Eu gosto sempre de dar como exemplo a arquitetura. Os nossos cursos de arquitetura ensinam a fazer casas caras, bonitas, por-

que é o mercado que paga o arquiteto. Raras universidades têm cursos de habitação popular como algo sério. Acho, radicalizando um pouco, que, nos cursos de arquitetura, só se deveria ensinar arquitetura barata e que servisse para o povo. Nutrição forma profissionais para os spas. Os nossos nutricionistas estudam mais como emagrecer o homem rico do que como engordar pobre magro. Os nossos economistas não falam do desemprego como problema a ser resolvido; falam como algo que acontece por causa do desequilíbrio entre oferta e demanda da mão-de-obra.

A universidade será sempre feita pela elite. Até uma universidade que se chame popular vai ser feita pela elite. O problema do Brasil não é que foi a elite que fez a universidade; o problema do Brasil é que a nossa elite exclui o povo. As elites de outros países convivem com o povo; há um projeto unitário de país. Só para dar um exemplo, eu acho que a lingüística ajuda muito nisso. Eu não conheço nenhum outro lugar que precise de duas palavras para dizer povo. No Brasil tem povo e povão. Quando a elite fala em povo, ela vê a nós e mais aqueles que nos cercam; o resto é excluído. Quer ver um detalhe? Veja como a elite brasileira se uniu aos sindicatos para reduzir o IPI e ICMS dos automóveis. Ela não defende toda vez que eu digo "vamos botar toda criança na escola, com bolsa-escola". Ela diz: "de onde vem o dinheiro?" Na hora de vender carro, eles sacrificam a receita fiscal, mas, na hora de votar para as crianças que estão na rua, eles param e perguntam de onde vem o dinheiro. Então, o problema da nossa elite é que ela é separada do povo, não é uma elite que sinta unidade com o seu povo, ainda que explorando o povo e privilegiada em relação ao povo. A universidade, por sua vez, foi criada para ficar a serviço da elite. Os cursos que organizamos, como eu disse, são para a elite. Esse é que é o problema. Também a universidade norte-americana foi criada pela elite, mas ela serve ao país. Na Europa também. Ela serve ao país porque o país tem um projeto e esse projeto é incluyente. Tem desempregado, tem pobreza, mas ele é incluyente; o nosso é excluyente. Um país cuja economia se move produzindo bens para o topo da pirâmide é necessariamente excluyente. Volto a insistir, não é que só a elite entra na universidade; o problema é que os formandos só tra-

balham para a elite. Se o filho do mais rico brasileiro entrasse na universidade para lutar contra a tuberculose, acho que ele deveria estudar de graça. Foi a universidade que ajudou a derrubar a ditadura, foi a universidade que ajudou a ter a Petrobrás. Hoje, a universidade está lutando para quê? Estamos fazendo manifestações pela reforma agrária? Estamos fazendo uma ma-

nifestação, para valer, contra o fato de este país ter tido dengue, no final do século? Estamos fazendo uma grande greve nacional para acabar com a escravidão do trabalho infantil? A universidade fechou os olhos para a escravidão.

Gostaria de dizer também que temos de respeitar aquele que faz algo intelectualmente. O filósofo trancado, pensando, por exemplo. Agora, se quer fazer isso, ele tem que ser, radicalmente, bom e trazer algum conhecimento novo em relação a São Tomás de Aquino. O nosso problema é que aqueles que querem ficar enfiados estudando não estão mostrando nada de realmente novo. Não estão sendo revolucionários. Para ser revolucionário, como intelectual, não precisa ir para passeata; basta você revolucionar o pensamento. Então revoluciona. O problema é que muitos dos nossos professores que se dedicam a uma determinada área não militam nada fora dela, mas também não militam na própria ciência para fazer com que ela avance. Ficam repetindo o que os mestres deles disseram, o que está nos livros. O que mais me deu prazer foi ter colocado idéias em livros e levá-las para o diário oficial como governador do Distrito Federal. O projeto bolsa-escola está em um livro, feito como professor antes até de pensar em ser governador.

Meu maior sonho é ver toda criança na escola; o segundo é termos toda escola com qualidade. E isso não é absolutamente nada. Eu dizia nos debates internos do PT que sou professor de economia para estudar o socialismo e sou militante para construir o socialismo. Acho que fui governador só para botar os meninos na escola; o resto era minha obrigação.

A responsabilidade por toda essa crise na educação eu atribuo a toda a elite brasileira, da qual fazemos parte; somos culpados disso. Evidentemente, o presidente é um pouquinho mais culpado do que a gente e abaixo dele o ministro é mais culpado do que a gente. Mas, todos nós temos a nossa dose de culpa.

A responsabilidade por toda essa crise na educação eu atribuo a toda a elite brasileira, da qual fazemos parte; somos culpados disso. Evidentemente, o presidente é um pouquinho mais culpado do que a gente e abaixo dele o ministro é mais culpado do que a gente. Mas, todos nós temos a nossa dose de culpa, até de termos deixado que ele chegasse lá ou de não termos sido capazes de impedir que os meios de comunicação fossem tão nefastos nessa campanha a favor de Fernando Henrique Cardoso. Mas não ponho toda a culpa no governo que está aí, seria um simplismo, uma vez que todos os governos que esse país já teve, sem exceção, são culpados da crise educacional que o Brasil vive.

Podemos até responsabilizar o atual presidente um pouco mais, porque ele é um homem da área da educação, ele é um homem que vem da esquerda, ele é um homem que tem obrigação de ter sensibilidade para o social, mas ficou muito prisioneiro da moeda. Muito. Teria sido maravilhoso podermos colocar na história um presidente que fosse capaz de fazer uma revolução no Brasil, uma revolução dentro dos limites, que tivesse sido um colega professor. Teria sido bonito. Já tentaram militares, já tentaram fazendeiros, já tentaram de tudo. Pessoalmente tenho um sonho que é o seguinte: se um professor não fez, que um metalúrgico consiga fazer.

Marcos Cripa é professor da PUC-SP.

